

4

Como é que mulato pode ser de sangue azul?

No primeiro conto de *Regresso Adiado*, “Mulato de sangue azul”, nos deparamos com o olhar irônico de Manuel Rui quando verificamos as atitudes e características do personagem principal. O escritor desde o título nos mostra a contradição desse personagem: um “mulato de sangue azul”. Como afirma Manuel Ferreira, o “título por si só prenuncia à partida um imenso laboratório de contradições”⁴³; que, para ele, subjaz em todo o sistema narrativo de Manuel Rui, sendo os títulos de suas narrativas “o anúncio preciso, e precioso, de dupla significação”.⁴⁴

O protagonista desse conto é batizado como Luís Alvim, nome herdado do pai, que retoma e expande a contradição exposta no título. Alvim lembra alvo, branco, sendo assim, um sobrenome que corresponderia a um traço que ele não possui. E, por ser um sobrenome de origem portuguesa, será a grande arma usada por ele para exaltar a nobreza familiar.

Em “Mulato de sangue azul”, Manuel Rui constrói um personagem que reflete o desejo de apagar qualquer característica inerente ao mulatismo: “Sempre se julgara um homem superior entre os outros colonos. Era nobre de sangue. De brasão e bengala encastoadas(...)”⁴⁵. Por acreditar-se de sangue nobre, sua aparência precisava corresponder a essa qualidade. Desse modo, o autor introduz a questão da assimilação cultural.

Alvim tenta ser quem não é, disfarça-se de homem branco, esconde suas características negras, as aprisiona. “Em tudo [...] fugia de negros e mulatos, e muamba, prato dos domingos benguelenses, só comia às escondidas”⁴⁶:

Seu cabelo de mulato empasta-se num disfarce por camadas de brilhantina que alisam as repas maiores e pequenas ondas. Não tem cabelo que voa, mas de longe, com a clareza da pele e a carapinha escondida, tem sua maneira de cabrito,

⁴³ FERREIRA, Manuel, op. cit., p. 10.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ RUI, Manuel. “Mulato de sangue azul”. In: ---. *Regresso Adiado* (contos). 2ª ed. Lisboa/Luanda: Edições 70, 1977, p. 26.

⁴⁶ Ibid., p. 29.

ao menos. De perto, percebe-se o engano: carapinha sem liberdade e brilhantina escorrendo pelo risco, do lado esquerdo da cabeça.⁴⁷

De acordo com Teresa Salgado Guimarães, o conto “dramatiza o surgimento do complexo de inferioridade”. Para ela, o texto de Manuel Rui pode ser visto como a “ficcionalização do processo de neurose criado pelo colonialismo”.⁴⁸

A trajetória de Luís Alvim, marcada pela tentativa de fuga dos laços com os negros e mulatos e da busca pela afirmação da sua nobre descendência portuguesa, pode ser sintetizada nessa obsessão pelo branqueamento:

A caricatura é fundamental para a construção de uma série de elementos que compõem Luís Alvim, personagem contraditória desde o nome, cujo significado aponta para a brancura que ele tanto persegue. Tudo nele é apresentado como o inadequado, como fora de lugar, compondo o tipo risível: os trajes à moda europeia, o cabelo esticado, o uso exclusivo e rebuscado da língua portuguesa. Enfim, todos os seus hábitos e modos aparecem de modo ridículo, ajudando a montar a personagem como um boneco disfarçado, que quanto mais se disfarça, mais revela a sua inadequação no mundo que lhe foi destinado.⁴⁹

O mundo de Alvim parece tão fora de lugar que a ironia configura-se como o melhor recurso textual para expressar a incapacidade de ajustamento desse personagem. A inadequação e a desordem em sua identidade, geradas pela assimilação cultural característica do colonialismo português em Angola, são retratadas na vida de Alvim a partir dos conflitos enfrentados por ele no dia a dia.

Alvim permanece durante todo o conto buscando encaixar-se num estereótipo do colonizador, negando veementemente a sua origem negra. Desta forma, acaba por não pertencer a nenhum grupo. Procurando provar sua nobre descendência branca, sem êxito, acaba sozinho, pois não admite ser mulato.

Sua idéia fixa de pertencer ao universo do colonizador é resultado de um contexto social opressivo e alienante. Alvim, na verdade, não pertence a nenhum dos dois mundos: nem o do colonizado, nem o do colonizador. Vaga entre os dois, condenado a uma espécie de limbo.⁵⁰

Em Benguela, “terra ingrata, esquecida de seus maiores, [Alvim] agüentou trinta e cinco anos de luta e incompreensão. De insistência. Na tentativa de

⁴⁷ Ibid., p. 25.

⁴⁸ SALGADO GUIMARÃES, Teresa. “A Forte Presença do Riso na Ficção Angolana”. Disponível online em 15 de janeiro de 2008 no site www.uea-angola.org.br.

⁴⁹ Ibid.

⁵⁰ Ibid.

afirmar a linhagem que o pai trouxera de Bragança”.⁵¹ Em Benguela foi assim e em Chinguar, terra para onde Alvim migrou, não será muito diferente: seu esforço por parecer branco, não impediu seu fim trágico. Seu esforço é em vão. Sua felicidade, antes do desfecho do conto, é apenas ilusória. A ironia, neste caso, possui a matiz da negatividade, similar ao que acontece na ironia *humoresque*, ao ressaltar a idéia de que a vida está em desacordo consigo mesma e com o mundo, pois o homem encontra a limitação da realização de seus desejos.⁵²

O fim trágico do personagem se dá à medida em que sua identidade nobre, composta por elementos externos – roupa, cabelo, bengala, relógio, brasão –, é perdida com seu assassinato. No entanto, antes do desfecho trágico, são inseridos vários elementos que nos revelam a presença da ironia na narrativa, como quando, por exemplo, há a descrição das transformações ocorridas na cidade de Benguela, que cresceu, não servindo mais como palco para a representação do mulato:

S. Filipe de Benguela, voltada ainda pro mar, não é já o que era antes. Benguela, outrora princesa sem ter amor, rumou para terras do norte em busca de casamento. E outra Benguela ficou posta no mesmo lugar. Com estradas asfaltadas. Casas de vários andares. Luz elétrica subterrânea. Bares com empregados brancos. E numa cidade tão grande, onde nem os aviões assustam, ostentar sua nobreza para Luís Alvim piorou.⁵³

Destacar-se numa cidade onde o progresso já estava instalado, tornou-se difícil. Ninguém percebia a importância de sua origem nobre ou valorizava a sua presença. Na sua partida de Benguela, “ninguém viera se despedir dele. Nem brancos, nem mulatos, nem pretos. Ele, o filho de Luís Sampaio Costa Alvim!”⁵⁴ Mulato que na tentativa de se encaixar no grupo branco, acabou por não pertencer a grupo algum.

Essa impossibilidade de permanecer em uma cidade em crescente desenvolvimento, fez com que o mulato Alvim se transferisse para Chinguar, “com a esperança de encontrar, à sombra da monotonia da vila, ambiente propício às plumas, ao prosaico da linhagem nobiliárquica.”⁵⁵ Alvim sabia quais ambientes possibilitavam o destaque de suas características nobres. Já possuía um tipo de

⁵¹ RUI, Manuel, op. cit., p. 26.

⁵² DUARTE, Lélia Parreira, op. cit., p. 35.

⁵³ RUI, Manuel, op. cit., p. 29.

⁵⁴ Ibid.

⁵⁵ Ibid., p. 30.

técnica, aprendida através da experiência de toda a sua vida. Técnica narrada de forma exagerada, sarcástica, degradante.

O personagem, como afirma Teresa Salgado Guimarães, é marcado pela contradição, característica que reflete o comportamento do assimilado. Alvim tem a pretensão de ser superior aos demais colonizados, e essa busca o leva a agir de modo ridículo e risível, aspecto que parece querer “satirizar certo comportamento do assimilado que macaqueia o colonizador e não é aceito em nenhuma das duas esferas.”⁵⁶:

O humor atravessa também várias partes dessa narrativa, sobretudo com os equívocos e mal entendidos que acompanham a trajetória do patético Luís Alvim (...), revelando-se o lado ridículo e irônico da situação. Tais equívocos, como se pode concluir, alternam o cômico e o trágico, misturando o riso às lágrimas, ajudando-nos a entender as marcas da contradição no comportamento do colonizado.⁵⁷

Em Chinguar, Alvim, além de conhecer o preconceito racial, tanto por parte dos negros como dos brancos, desenvolve, sobretudo, um auto-preconceito. Neste local, também não conseguiu estabelecer a nobreza de sua família, que era sempre sua principal meta. Luís levou uma vida angustiante, tentando provar, todos os dias, que não tinha nada de mulato, vida que reflete toda a neurose de um processo de colonização.

Afinal, o que ali ocorre é um exercício de negação, tanto direta e contundente, quando se refere à Luanda, quanto indireta e ambígua, quando direcionada para Lisboa. O autor vai desvestindo as máscaras que conformam a figura desse fidalgo, digno representante do supremo ideal da sociedade desenvolvimentista do ocidente, até reduzi-lo à sua simplicidade natural. É assim que, também nesse conto, que Manuel Rui expõe o seu ponto de vista irônico sobre o mundo.⁵⁸

Alvim desperdiça a única chance aparentemente verdadeira de se integrar socialmente. Por ter sofrido outros tipos de preconceito, tornou-se desconfiado. Para ele, inclusive, todos ignoravam propositalmente o seu brasão. Ninguém parecia acreditar nele e ele também parecia não acreditar mais em ninguém.

⁵⁶ SALGADO GUIMARÃES, Teresa, loc. cit.

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ GAI, Eunice Piazza, loc. cit.

Só o colega da administração, o Silva, entabulou conversa com ele, chegando a convidá-lo para uma almoçarada. Alvim recusou por magicar: a idéia de muamba era por via da cor, por se tratar de um prato de eleição para mulato. Além disso, Silva, volvidas semanas de contato no serviço, não dera em reparar no brasão! Propositalmente! Entendia Alvim.⁵⁹

Contudo, o mulato Alvim se rendeu à necessidade de interagir socialmente, descendo “à plebeíce de Xavier e escudado na tentação que deixa remorso, principiou a acamaradar com o caminhonista em deambulações amorosas pelas sanzalas.”⁶⁰ Adaptando seus desejos à realidade que o cercava, Alvim, já que não freqüentava a Europa como gostaria, começava, então, a freqüentar o bar “Europa” – detalhe irônico que não passa sem ser notado.

Aqui no Chinguar, terra pequena, o mulato titular a pouco e pouco entrou em rendição. Abdicou do isolamento. No bar “Europa”, onde, numa mesa chegada às traseiras, meia dúzia de mulatos e um negro assimilado seroavam, varrendo “cucas” e frangos assados no quintal, quase todos os dias, Alvim começou a pontificar seu maneirismo até descobrir a primeira amizade confidente. Com um mulato caminhonista, de nome Xavier, que fazia viagens para o norte, orgulhoso de sua sina, favorecido pela imagem de Nossa Senhora do monte da Huíla que trazia fixa no tablier, juntamente com um pau abençoado por uma quimbanda do Chinguar.⁶¹

Nota-se que toda a vida de Alvim parece uma grande contradição. Tudo o que faz parece ter o efeito contrário ao intencional. Esse aspecto pode ser verificado em episódios como aquele em que Xavier dedilha uma viola, tirando “canções de Luanda e marchas brasileiras do tempo da ‘Chiquita Bacana’”⁶², em que Alvim o interrompe várias vezes, provavelmente querendo mostrar aos outros a superioridade do seu gosto musical. Neste caso, a contradição gera a ironia que o faz ser visto pelos outros com maus olhos e não com admiração.

Para os demais, seus gestos não são sofisticados são gestos excêntricos: “Os outros mediam o mulato de gestos esquisitos, que não gostava de marchas ou baiões, não articulava uma palavra em quimbundo, usava unhas compridas e só comia de faca e garfo”⁶³, excentricidade que fazia o mulato ser motivo de escárnio nas rodas e não de admiração como se empenhava em ser. Ninguém

⁵⁹ RUI, Manuel, op. cit., p. 31.

⁶⁰ Ibid., p. 33.

⁶¹ Ibid., p. 31.

⁶² Ibid.

⁶³ Ibid., p. 32.

gostaria de ser como ele, aliás, nem ele mesmo. Sua insatisfação é sentida durante todo o conto.

Apesar do companheirismo que encontrou em Xavier, Alvim não se rendia aos traços mestiços e, numa dessas noites em que acompanhava o amigo às Sanzalas, “desbobinou, num reverso, outra origem, toda a personalidade de Luís de Sampaio Costa Alvim, rematando com a autenticidade patente no brasão que, infelizmente, no Chinguar, ninguém considerava.”⁶⁴

A partir desse momento, será através de Xavier que Alvim tomará conhecimento do quanto era contraditória a sua postura. Porém, sua posição mantém-se em desconsiderar os alertas dados pelo amigo, ato que remete a um tipo de ironia específica: a chamada *Ironia Dramática*. Conceito presente no estudo de Muecke, que se baseia no fato de os leitores identificarem um personagem inconsciente de sua ignorância. Esse evento se torna ainda mais evidente quando a consciência existe dentro da narrativa, isto é, quando é percebida por outros personagens, como ocorre neste caso.⁶⁵

Segundo Muecke, esses personagens podem não ser abertamente cômicos, podendo apenas revelar essa auto-imagem em desacordo com o mundo através do discurso ou atos simplórios, como é o caso de Luís Alvim.

Muecke nos informa ainda que esse tipo de ironia, “onde a falsa imagem que uma personagem formou de si mesma conflita com a imagem que a obra induz o leitor a formar”⁶⁶, apesar de bastante comum, é apenas a “subclasse de uma ironia mais ampla onde a imagem falsa que uma personagem formou do mundo que ela habita conflita com o mundo real.”⁶⁷

Essa auto-imagem de Luís Alvim pode relacionar-se também à outra idéia de Muecke, definida como “disparidade potencialmente irônica entre a autodefinição de uma personagem e a definição dela que a própria peça constrói”⁶⁸, disparidade que muitas vezes torna “bastante claro que uma personagem está se produzindo não como ela é, mas como gostaria de pensar que é.”⁶⁹

⁶⁴ Ibid., p. 33.

⁶⁵ MUECKE, D. C., op. cit., p. 103-104.

⁶⁶ Ibid., p. 109.

⁶⁷ Ibid., p. 110.

⁶⁸ Ibid., p. 102.

⁶⁹ Ibid.

Através de um comentário de Xavier, evidencia-se a base dessa qualidade irônica presente em “Mulato de sangue azul”:

– Desculpe, mas essa história de sangue azul não me entra! Essa gente tem cabelo loiro, olhos azuis. Você nem sequer foi a Lisboa! Não o quiseram para soldado, no seu tempo, mulato não entrava na tropa! Pópilas! Já se viu mulato assim? Você é mulato como outro qualquer. Sua mãe é preta. Ainda bengala os sobas também usam e ...

– Encastoadá?

– Em que não sei... em pau. Mas estava a dizer que sua mãe é preta e você é mulato para todos os efeitos. Não é muito escuro mas seu cabelo tem alisamento de... desculpe... brilhantina. Não pode ter a mania de branco importante. (...) Você lá no Sudeste, com todo o sangue azul, não risca, pá! É mulato, não escapa. Não pense nisso!⁷⁰

Alvim fica desconcertado com os comentários do amigo. Apesar de parecer seguro, preocupa-se e agarra-se aos elementos externos que compõem sua “brancura”. São esses objetos, que ele tanto admira, os principais responsáveis pela manutenção da convicção de sua origem nobre:

Alvim ficou petrificado com as achegas do amigo e, nessa noite, levantou-se quatro vezes para enganar a insônia com cigarros. Xavier era cafrealizado! Ele, funcionário da administração, como dois louvores, conhecedor de toda a linguagem requerimenteira, alguma vez aceitava subir para trás, como o ajudante preto, só por causa da fronteira? Zarpou um manguito! Mulato estúpido, Xavier! Contemplou o brasão, observou o relógio nas três da manhã, e deu passos com a bengala. Qual quê! O sono nada. A idéia de mulato vulgar massacrava-o. De madrugada até a hora de seguir para a repartição, a cama foi um pesadelo sem fim com vissonde a comer-lhe os dedos e o salalé a penetrar na bengala.⁷¹

Após esse episódio, sem nem mesmo saber o motivo, Alvim afastou-se do bar, isolou-se. Ia de casa para o trabalho e do trabalho para casa. À noite, fechado no quarto, lia o jornal e ouvia o rádio. Até que, numa dessas noites, o amigo trouxe-lhe a notícia da chegada de um novo médico na vila, chamado Doutor Costa Alvim, e que estava convencido de que era seu parente. Notícia que “Rebentou-lhe um sorriso na boca (...). Nos olhos, a chama da vitória.”⁷². Finalmente, uma prova de sua origem nobre em que os outros iriam também acreditar.

⁷⁰ RUI, Manuel, op. cit., p. 35.

⁷¹ Ibid., p. 35-36.

⁷² Ibid., p. 36.

Logo, Luís estava convencido de que o médico era “seu indiscutível parente”⁷³ e perturbou-se durante uma semana pensando no discurso que faria ao se apresentar para um integrante de sua família tão importante.

Decidiu-se por ir à casa do médico, mas, por não saber a origem do sobrenome Sampaio Costa do pai, optou por se apresentar apenas como um Alvim. Luís se achava muito astuto e, ao perceber o terreno movediço em que podia cair, preferiu agarrar-se em suas certezas. Sua certeza inquestionável estava no sobrenome Alvim:

– Vocelência vai-me desculpar a minha ousadia. Sou Luís Alvim, não uso o Costa, mas sou filho de Luís de Sampaio Costa Alvim, descendente de uma das mais nobres famílias portuguesas. – O clínico mirava-o de alto a baixo, espantado pela compostura do mulato, envergando, em plena África, um traje de cerimônia. Alvim continuou: – Soube que vocelência, senhor doutor, chegara aqui ao Chinguar e não quis deixar de lhe apresentar os meus mais cordiais cumprimentos. Vocelência melhor do que eu deve saber que os Alvins em Portugal pertencem à mesma família, espalhados por dois ramos, os de Évora e os de Bragança, aliás, os de Bragança e os de Évora. Por isso, vim cá cumprimentá-lo na certeza de que ainda nos ligam laços de parentesco – ergueu o indicador direito, categórico –, aliás, acho-o parecidíssimo com meu falecido pai. Creia-me vocelência...

Ia acabar com um respeitosa de requerimento, mas o doutor Costa Alvim interrompeu:

– Caro amigo, agradeço imenso a sua gentileza mas não pertencço a nenhuma dessas famílias ou ramos. Sou de Mortágua...

– Onde fica? – atalhou Luís Alvim em desespero de causa.

– Muito longe, muito longe de Évora ou de Bragança. Mas como lhe ia dizendo, para além disso, sou de família humilde, meu pai é lavrador. Vim para Angola com o fito de conseguir um pé-de-meia que me permita regressar à metrópole para depois tirar uma especialidade no estrangeiro. – E, coçando a cabeça, prosseguiu: – Não vejo qualquer ligação com os...⁷⁴

Mais uma vez, Luís depara-se com a intransponível barreira da frustração. Depois de elaborar um empolado discurso para se apresentar ao suposto parente, descobre que o médico, além de não ter parentesco algum com ele, não possui, ao menos, origem nobre. Alvim depara-se com um grande problema que pode pôr em cheque toda a sua preciosa nobreza: a possibilidade de mais alguém interrogar o médico sobre o possível parentesco e descobrir que o Alvins podem ser de origem humilde, associando essa informação a sua figura.

⁷³ Ibid., p. 37.

⁷⁴ Ibid., p. 39-40.

Prontamente, Alvim começa a desconfiar de que tudo não passava de uma armação de Xavier contra ele. Começa a achar que entendeu mal, que Xavier estava sendo irônico ao dizer que tinha certeza que eram parentes, induzindo-o a uma situação constrangedora:

Chorou de mágoa essa noite e só desejou não mais encontrar o amigo Xavier. Bem vistas as coisas, nunca deveria ter dado confiança àquele mulato sanzaleiro e a seus comparsas. Ao fim e ao cabo, era filho de Luís de Sampaio Costa Alvim. Ninguém lho podia negar. Estava no registro! Era mais que o médico, até! Esse doutor de merda, teso, filho de um lavrador! Se calhar caíra numa ratoeira armada por Xavier, que o aconselhara na chacota, para gozar depois o resultado em gargalhada geral no bar “Europa”. E essa! Mulato ordinário! Triste, adormeceu consolado na certeza: era de sangue azul!⁷⁵

Dias depois, na repartição, foi chamado pelo senhor administrador ao gabinete. Temeu, por alguns instantes, que o administrador já soubesse do episódio do médico e que, por isso, o repreenderia. Contudo, o administrador, diferentemente do que Alvim imaginava, o chamou para informar que precisava de uma pessoa como ele, culta e educada, para ir pelo norte afora “contar a essa gente a verdade”⁷⁶.

“Luís Alvim estremeceu, meio contente meio medroso, no íterim da expectativa. Que raio era aquilo? A brincadeira continuava ou o quê?”⁷⁷ Afinal, uma circular vinda de Luanda, em que indiretamente lhe formulavam o convite, parecia sorte demais para alguém habituado a não ser reconhecido. A proposta realmente parecia a grande oportunidade de sua vida: um cargo que incluía ajudas de custo, salário em dobro, carro à disposição com aparelhagem sonora.

A expressão “oportunidade única de evidenciar toda a sua categoria”⁷⁸, é, sem dúvida, uma forte evidência irônica presente no conto. Primeiro, porque o vocábulo “categoria” pode ter um efeito duplo, o que constitui uma das principais características da ironia. Podendo significar toda a elegância do personagem ou a idéia de conjunto, grupo, e assim fazê-lo representante de uma classe na qual ele não queria estar incluído. Segundo, pela expressão “oportunidade única” que parece significar que ele não terá outras oportunidades de se destacar, indicativo de sua subalternidade, idéia que também se articula à noção de um “grande

⁷⁵ Ibid., p. 40.

⁷⁶ Ibid., p. 41

⁷⁷ Ibid.

⁷⁸ Ibid.

negócio”, em que os inocentes geralmente caem, convencidos da chance imperdível.

Entretanto, Alvim desconsidera a suspeita e a desconfiança de que aquilo pudesse ser parte de uma brincadeira de Xavier. Para ele, a grande oportunidade de ser reconhecido era o que realmente importava nesse momento.

E foi assim que o mulato de sangue azul, desconhecido até então, passou a botar discurso ambulante, boquiabrindo povoações, sanzalas e quimbos. Explicando, sempre com eloqüência, uma maneira do como e porquê dos fatos. Dizendo da gajada que andava, com armas espera-pouco, incomodando populações de bem que transitavam nas estradas ou viviam no Norte.

Luís Alvim.

Locutor da voz da verdade.

Mulato de sangue azul.⁷⁹

Neste trecho, a ironia pode ser destacada pelo fato de o anunciador da “voz da verdade”⁸⁰ ser alguém contraditório, com uma identidade em desordem, como vimos anteriormente, incapaz de perceber que é um instrumento do sistema colonial, usado para reproduzir uma verdade defendida pelos colonizadores, o que aponta para a total alienação em que se insere.

O assassinato de Luís Alvim, ao final do conto, irá corroborar a idéia de frustração que muitas vezes se associa à ironia. Alvim passou a vida sem pertencer a nenhum grupo. Tentou, em vão, o convívio com os brancos, mas “todos desconfiaram do empertiganço do mulato.”⁸¹ Luís Alvim passou todo o tempo tentando ser quem não era, tentando disfarçar características e acentuar outras para camuflar sua identidade.

Segundo Manuel Ferreira, o fim do mulato de sangue azul significa a “impossibilidade de ajustamento de Luís Alvim a qualquer coisa de novo que se instaura num tempo histórico africano”.⁸² Ninguém soube explicar o que houve, Alvim morreu sem nenhum heroísmo que justificasse o fim da sua vida. Uma morte banal, facilmente esquecível, assim como sua figura que nada representou a nenhum grupo: “Tempos depois ele não encontrava o sucesso pessoal que ao

⁷⁹ Ibid., p. 42.

⁸⁰ Ibid.

⁸¹ Ibid., p. 30-31.

⁸² FERREIRA, Manuel, op. cit., p. 11.

longo da sua vida teria sonhado, mas sim pagava tributo a uma opção de que talvez nem ele seja inteiramente responsável.”⁸³

Sua morte, portanto, pode ser justificada pelo fato de Luís Alvim ter-se tornado um assimilado da cultura colonizadora. Assimilação que reprime os valores culturais africanos, fazendo com que Alvim se sentisse obrigado a abandonar certos costumes angolanos para se promover socialmente.

Todo o esforço do personagem para alcançar suas metas é inútil. Isto nos remete à idéia da ironia *humoresque*, estudada por Lélia Parreira Duarte. A vida de Luís Alvim apresenta-se em desacordo consigo mesmo e com o mundo, o que indica que a “limitação de seus poderes, a força da biologia, a obstinação das forças naturais: a infinita insaciabilidade do desejo encontra finitas possibilidades de satisfação”.⁸⁴

Alvim acaba por ser enterrado como um mulato comum, o que confere um tom dramático ao texto, complementado pelo fato de Xavier ser o único a sentir a sua morte. Esse personagem chega à conclusão de que a morte do mulato foi uma consequência de sua ambição em unir o que nunca poderia se integrar:

*não foi sina não foi morte
que matou Luís Alvim
mulato de sangue azul
tinha de ter esse fim...*⁸⁵

Luís carregava a marca de distinção negativa que aproxima pólos contrários. Carregava a contradição, a função impossível “de conciliar o inconciliável”⁸⁶, dispositivo que constitui a base irônica do conto. Alvim havia entrado numa guerra impossível e tentou lutar contra si mesmo para eliminar uma parte que lhe era inerente, ato que o levou a esse fim trágico.

⁸³ Ibid.

⁸⁴ DUARTE, Lélia Parreira. op. cit., p. 37.

⁸⁵ RUI, Manuel. op. cit., p. 44.

⁸⁶ Ibid. p. 43.